

“ENTRE BOLA E BALA”: DITADURA MILITAR E A CONQUISTA DA COPA DE 1970

Lucas de Souza do Nascimento¹

RESUMO

Este artigo aborda sobre a conquista da copa de 1970 pela seleção brasileira e como a ditadura militar e principalmente o presidente Médici usufruiu desse triunfo para mascarar todo o cenário de repressão que o país estava vivendo. Serão analisados os aspectos da participação do presidente no antes, durante e depois da conquista da copa, investigando como a vitória da seleção brasileira no México foi utilizada por Médici para legitimar e vangloriar o seu governo e a ditadura no país, manuseando a população através de cantos nacionalistas e representações dos titulados como “salvadores da pátria”. Portanto, esse artigo justifica-se como uma pesquisa qualitativa que busca elucidar a questão do futebol como manipulação de massas, dando ênfase ao esforço do presidente Médici de vincular a vitória da seleção brasileira ao seu governo, controlando a imprensa através de publicações que ligavam a sua imagem e seu mandato ao Tricampeonato da seleção brasileira, a fim de criar uma figura “brasileira” nacionalista e garantir o apoio da população. Os resultados do presente artigo foram obtidos através de um estudo parcial, de caso descritivo com cunho qualitativo, documental e bibliográfico, analisando as obras de Marcos Guterman (2004) e (2006), Ricardo Martins (1999), Ernesto Marczal (2013), Jônatas Santos (2017), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura militar. Médici. Copa de 1970. Futebol.

"BETWEEN BALL AND BULLET": THE MILITARY DICTATORSHIP AND THE 1970 WORLD CUP VICTORY

ABSTRACT

This article discusses the winning of the 1970 World Cup by the Brazilian team and how the military dictatorship and especially President Médici took advantage of this triumph to mask the entire scenario of repression that the country was experiencing. Aspects of the president's participation will be analyzed before, during and after the winning of the cup, investigating how the victory of the Brazilian team in Mexico was used by Médici to legitimize and glorify his government and the dictatorship in the country, manipulating the population through nationalist chants and representations of the titled “savior of the nation”. Therefore, this article was justified as a qualitative research that seeks to elucidate the issue of soccer as mass manipulation, emphasizing President Médici's effort to link the victory of the Brazilian team to his government, controlling the press through publications that linked his image and mandate to the Brazilian team Three-time Championship, in order to create a “Brazilian” nationalist figure and guarantee the support of the population. The results of this article were obtained through a partial, descriptive case study with a qualitative, documentary and bibliographic nature, analyzing the works of Marcos Guterman (2004) and (2006), Ricardo Martins (1999), Ernesto Marczal (2013), Jônatas Santos (2017), among others.

KEYWORDS: Military dictatorship. Médici. 1970 World Cup. Soccer.

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: lucassouza.n20@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um campo vasto de possibilidades tanto dentro das quatro linhas quanto fora delas. Por agitar o sentimento do torcedor, esse esporte pode ser utilizado como arma política pois possui uma grande capacidade para contaminar as estruturas sociais. O futebol, no Brasil, tem peso equivalente ao de uma religião oficial (GUTERMAN, 2004, p.09), onde meninos e meninas são induzidos a torcer por algum time local ou herdar a herança da família de torcedores, ou seja, a ligação do esporte para com sociedade não apenas está no lado esportista e sim do cotidiano. Desse modo, a relevância do futebol, é de extrema importância para a compreensão do mundo brasileiro, incluindo obviamente o campo da política.

No que tange o campo político, na década de 70 o Brasil vivia o seu apogeu econômico, denominado pelo governo de “milagre econômico”, esse “milagre” foi caracterizado pelo aumento do PIB (produto interno bruto) industrialização e enfraquecimento da inflação no país. Entretanto, por trás desse crescimento econômico existia uma falsa prosperidade, já que o mesmo contribuiu para a concentração de renda, corrupção, exploração da mão de obra, aumento da dívida externa, favorecimento as empresas ligadas ao governo, redução salarial da classe trabalhadora, entre outros. O Brasil se revelava para o resto do mundo como um país próspero e bem resolvido na sua questão econômica, no entanto, essa aparência bem-sucedida só era levada em conta pela ótica da burguesia (HABERT, 2012, p.12) enquanto as camadas mais pobres sofriam com esse elevado índice econômico imposto pelo regime ditatorial brasileiro.

O caso da copa de 1970 é um exemplo fundamental como futebol e política andam lado a lado. Na década de 70, o Brasil permanecia sob o domínio do governo da ditadura civil-militar que pendurou por cerca de 21 anos no país (1964 – 1985); em 1970, o então presidente do Brasil era o general Emílio Garrastazu Médici, que acompanhou de perto a conquista do tricampeonato da seleção brasileira no México, e viu nesse triunfo uma oportunidade perfeita para legitimar o poder da ditadura no país, mascarar todo o cenário de repressão que o povo brasileiro se encontrava inserido e plantar o sentimento nacionalista na população.

O governo de Médici se apropriou da conquista da seleção brasileira na copa de 1970 para legitimar o seu poder e transparecer que o país estava em pleno festejo com esse acontecimento, buscando ocultar o real cenário brasileiro de repressão, imposto pelo ato institucional número 5 (AI-5) no país. A postura do presidente não se mostrava apenas como um mero cumpridor do seu papel de presidente dando apoio a sua seleção nacional, fazendo questão de manter um discurso e exercer

uma entrega pessoal como torcedor, que superava todo o ritual adequado que sua função como presidente tinha (GUTERMAN 2004, p. 15).

Portanto, um dos aspectos importantes para a compreensão do uso do futebol como manipulação política, é entender que no Brasil esse esporte é, para alguns, tido como uma religião ou doutrina onde o seu seguidor não pode voltar atrás na sua escolha de time ou o abandonar em momentos de crises. O futebol por muitas das vezes pode ser utilizado como arma ideológica, por fazer seus fiéis seguidores se entregar de corpo e alma ao seu esporte favorito, e por mexer com o sentimento do indivíduo, o mesmo pode ser utilizado para manusear a população. A ditadura civil-militar, principalmente no governo Médici, aproveitou dessa grande paixão do povo brasileiro para legitimar e vangloriar do seu poder, trazendo o espírito nacionalista através desse esporte e aproveitar dessa onda da conquista da copa de 1970 para atingir um prestígio social maior, e entrelaçar uma imagem política ao triunfo esportivo.

2. “UM TÍPICO TORCEDOR”: A RELAÇÃO DO GOVERNO MÉDICI COM A COPA DE 1970

Médici era um sujeito fanático por futebol, de certo, sua relação com a conquista do tricampeonato mundial da seleção brasileira não foram somente publicitárias. O presidente parecia ser um legítimo torcedor, fotos publicadas pelo regime mostrava Médici ouvindo jogo em seu radinho de pilha, entrelaçado na bandeira nacional após a conquista (GUTERMAN 2004, p. 57), mostrando toda sua intimidade e relação com o esporte.

De fato, Médici era um exímio torcedor e amante do futebol, no entanto, dentro do governo, ministros importantes tratavam de dar ênfase a essa característica do presidente, vinculando-a à “brasildade” de Médici e à sua condição de “homem comum” (GUTERMAN 2004, p. 57). Uns dos ministros do governo que era mais eufórico sobre a questão de dá publicidade ao Médici torcedor e o aproximar mais da população brasileira era Jarbas Passarinho ministro da educação. Em entrevista para folha de São Paulo, Jarbas relata sobre esse lado torcedor de Médici:

Todos conhecem seu nacionalíssimo gosto pelo futebol. Dou meu testemunho da emoção com que o presidente assistiu a todos os jogos, torcendo com entusiasmo do brasileiro normal e do homem comum que o elevado cargo não modificou. (Folha de S. Paulo, 22. Jun. 1970, p. 06)

Médici havia sido jogador de futebol, jogou pelo grêmio de Bagé onde fora atacante, era conhecido por um bom chute (GUTERMAN, 2004, p. 58). Enquanto presidente, fazia questão de

demonstrar o seu lado de torcedor e exímio conhecedor do esporte, sempre manifestando pleno apoio e contato com a seleção nacional que estava no México. No difícil jogo da fase de grupos contra a Inglaterra onde o Brasil saiu vencedor por 1x0 com gol de Jairzinho, Médici enviou um telegrama aos jogadores e comissão técnica dizendo: “Na oportunidade da notável vitória conquistada palmo a palmo a palmo sobre a grande equipe inglesa, mando-lhes meu comovido abraço de torcedor, pela demonstração de técnica.” (Folha de S. Paulo, 9. jun.1970).

O ápice do planejamento do governo Médici se deu no dia 21 de junho de 1970. Nessa manhã de domingo o Brasil parou e todas as atenções estavam para a grande final da copa do mundo entre Brasil x Itália. Após uma sonora goleada por 4 x 1, a seleção brasileira conquistava o seu tricampeonato mundial e mostrava ao mundo a genialidade do seu esquadrão, que nem mesmo a poderosa Itália bicampeã mundial pode vencer. O país estava em estado de graça. Os jogadores eram heróis nacionais. O governo declarou dois dias de feriado, para a recepção calorosa da equipe (SANTOS 2017, p. 05). Numa seleção que desde a comissão técnica até a Confederação Brasileira de Desportos (CDB) eram na sua grande maioria formada por militares ou aliados do regime. Após a conquista, andar pelas ruas sem uma bandeira verde – amarela estampada no peito era considerado uma heresia.

O esforço publicitário fervoroso do governo Médici em evidenciar que o presidente era apenas um mero torcedor brasileiro, tentando aproximar Médici dos demais brasileiros buscando legitimar o poder da ditadura e popularidade para o regime. Esse papel, não era apenas os membros do governo que reiteravam ele como um típico torcedor brasileiro, o próprio presidente fazia questão de autoproclamar, como fez em sua mensagem após a vitória no México: “A seleção nacional de futebol conquista definitivamente a copa do mundo, após memorável campanha, desejo que todos vejam, no presidente da república, um brasileiro igual a todos os brasileiros” (Folha de S. Paulo, 22. Jun. 1970). No dia do tricampeonato, Médici foi fotografado com a bandeira do Brasil não em pose cerimonial (GUTERMAN 2004, p. 61) mas com gesticulações características de quem estava comemorando o título nacional com extremo vigor. Em cena memorável descrita pela Folha de S. Paulo em sua primeira página no dia posterior à conquista, lia – se:

Ao término da partida, o presidente mandou que os torcedores que se encontravam na praça fronteiriça entrassem para o palácio e saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram. Quando o puseram no solo, o presidente pegou uma bola dos netos e começou a mostrar sua habilidade no esporte em que o Brasil é campeão mundial. Fez embaixadas e chegou a dar umas de calcanhar, sendo estimulado pelos fãs, que diziam “ se o Zagallo soubesse, hein, presidente...”. (Folha de S. Paulo, 22. Jun, 1970, capa.)

Todo o empenho do regime militar e do próprio presidente em vincular a conquista da seleção brasileira ao governo, estava relacionado com a popularidade de Médici para com a comunidade do país, desviar o foco das inúmeras barbáries impostas pela ditadura militar e efetivar algumas estratégias programadas pelo governo; com o sucesso do futebol no país o governo identificou o momento exato para lançar projetos sociais. O governo decidiu surfar na onda do triunfo da seleção e lançou um projeto social que levava o nome do camisa 10 da seleção brasileira, o tal chamava – se “ Fundo Pelé de educação”, para arrecadar dinheiro “ para criancinhas pobres” (GUTERMAN 2004, p. 63), esse projeto consistia na distribuição de um carnê cujo após o pagamento, o comprador recebia um livro sobre Pelé e toda sua trajetória de um garoto pobre até o seu estrelato mundial. Não há informação se esse fundo foi adiante, mas iniciativas como essas eram comuns na época (GUTERMAN 2004, p. 63). Aproveitando do momento favorável e para fortalecer ainda mais o discurso do regime, que era o de unidade nacional, logo após um mês da vitória da seleção, Médici assinava o decreto de lei que dava início ao Plano de Integração Nacional, o PIN. Esse projeto visava criar uma unidade maior entre as diferentes regiões do Brasil e também estimular o crescimento de áreas isoladas (RODRIGUES 2021, p.22).

No congresso, os parlamentares comentavam com alegria a conquista da copa de 1970, pois sabiam que esse momento era profícuo para aproximação entre o regime e as massas (MARCZAL 2013, p.10). Contabilizando as infinitas possibilidades políticas abertas pelo triunfo no México o regime passou a utilizar tanto a conquista quanto os jogadores em prol da legitimação da ditadura, segundo a matéria do Estado de São Paulo: “ É verdade que este governo, mais do que qualquer outro, identificou-se muito com a vitória, graças ao fato de ser o próprio presidente da República um sincero e ardoroso torcedor”. Em nenhum momento, o regime militar escondeu a sua estratégia de explorar ao máximo o tricampeonato mundial, após a conquista o presidente Médici ofertou um grande almoço para a delegação da seleção brasileira, em Brasília. Nesse dia, o líder do governo na câmara Rondon Pacheco, fez questão de abraçar o centroavante Tostão. Conforme registro de O Estado de S. Paulo, o jogador mineiro agradeceu “discretamente” a saudação do político em meio aos comentários dos demais políticos presentes que diziam: “Com esse cabo eleitoral, o Rondon está feito em Minas” (O Estado de S. Paulo, 24. Jul. 1970, p.16).

2.1. A imprensa controla o meio: Propagandas políticas e o impacto da televisão na copa de 1970

É notório que o governo Médici sempre desejou vincular a imagem da Ditadura Militar à da seleção brasileira e como resultado aumentar a sua popularidade com o povo brasileiro através de um sentimento de ufanismo nacional (RODRIGUES 2021, p.18). Entretanto, era necessário que a seleção brasileira e seu esquadrão comandado por Pelé conquistasse o tricampeonato no México, para que o governo pudesse usufruir dessa conquista. O principal meio de propagar que a seleção brasileira e o governo andavam juntos foi a propaganda, que teve início antes da copa e ganhou legitimidade após a conquista da seleção.

A assessoria especial de relações públicas (AERP) teve papel fundamental na relação entre regime e seleção, pois a mesma era responsável pelo marketing, propagandas e relações públicas do governo. O órgão teve início em 1968 ainda no governo do Costa e Silva e foi até o fim do governo Médici, em 1974. A AERP procedia a partir de políticas de terceirização da propaganda, fazendo a contratação de empresas de marketing para fazer campanhas em nome do regime. AERP foi elaborada numa tentativa de melhorar o regime pós 68, e foi a partir de 70 e o advento da copa do mundo no México que a mesma passou utilizar a seleção como máscara do governo Médici e seu regime Militar.

As propagandas utilizadas pela AERP não eram em tom de agressividade, pelo contrário, eram de euforia e alegria, trazendo a ideia de que no Brasil não havia conflitos, crimes e muito menos problemas sociais nacionais (RODRIGUES 2021, p.18). O foco central era o de propagar uma mensagem que o país possuía a força da então chamada “unidade nacional” onde a população e o governo se uniam harmonicamente em prol do tão sonhado tricampeonato mundial. A seleção brasileira foi bastante utilizada para legitimar esse sentimento imposto pelo regime através da AERP, os jogadores eram usados em propagandas na televisão, associados a produtos de prestígio e luxo como automóveis, refrigerados nacional (RODRIGUES 2021, p.18) passando uma imagem de “bem-estar” no país para o povo brasileiro. Essas propagandas serviam como cortinas de fumaça para esconder as atuações do DOPS, do AI-5, mascarando toda a repressão que estava sendo imposta e escondendo o processo ditatorial que o país passava, na TV o Brasil transparecia ser um país alegre e unido em busca da glória eterna de conquistar o mundo, no entanto, nas ruas a população sofria inúmeras repressões impostas pelo governo dos militares.

Com isso, a propaganda utilizada pelo governo para vincular a seleção à imagem do regime se potencializou devido ao fato da copa de 1970 ter sido a primeira a ser transmitida ao vivo e em cores pelas TVs brasileiras. Como relata Marcos Guterman:

O campeonato mundial de futebol de 1970 deve ficar como um marco importante ainda por outro motivo. A febre futebolística dos brasileiros já é secular. Nenhum outro campeonato anterior, entretanto, terá atingido o que este atingiu em matéria de atenção e participação públicas. E a razão disso é a transmissão ao vivo, via satélite. [...]. Não deixa de ser significativo que o Brasil entre assim na era da comunicação eletrônica pelo caminho do futebol. O que esta copa está nos dando em termos de participação coletiva e de vibração popular é fruto, em boa parte, dos milagres da técnica moderna. [...] O que nos dão as transmissões do México é uma dimensão nova da realidade, na escala própria da era eletrônica. [...]. Somos milhões de participantes – testemunhas diante de acontecimentos que antes chegavam apenas como notícias. (GUTERMAN, 2006, p.116)

Devido aos mecanismos necessários para conquistar o apoio popular através do sentimento de orgulho nacional (RODRIGUES 2021, p.18) e paixão pela seleção brasileira, a copa de 1970 foi um terreno fértil e propiciou ao regime um leque de possibilidades para desfrutar da conquista. O cenário era benéfico de todas as formas para o regime, pois a copa de 1970 foi a primeira a ser televisionada permitindo assim o uso de propagandas pelo regime durante os jogos. Outro ponto fundamental foi a forma de jogar da seleção no México, encantando não somente o povo brasileiro que via o esquadrão da seleção flutuando em campo, como também todo o mundo que ficou maravilhado com o futebol jogado pela canarinha. Com toda a repercussão da conquista da seleção, o regime militar não encontrou clima mais favorável para ligar esse importante triunfo à imagem do governo. Médici se aproveitou de toda a euforia no país e lançou um concurso para promover uma canção que embalasse toda a trajetória da seleção brasileira, foi então lançada a canção “Pra frente Brasil”. Como relata Cruz:

Composta por Raul de Souza e Miguel Gustavo, a música foi vencedora de um concurso organizado pelos patrocinadores dos jogos e, até hoje, é lembrada quando se fala da vitoriosa campanha brasileira. Na época, o país vivia sob o AI – 5, instituído dois anos antes pelo presidente e general Artur da Costa e Silva. Em 1970, já então no posto de presidente, Emílio Garrastazu Médici percebeu que a vitória da seleção – e também os versos ufanistas da canção – poderiam ser usados para conquistar os corações e mentes dos brasileiros, que já viviam em um país sob censura e que torturava e matava presos políticos. (CRUZ, 2020, p.100)

A canção combinava diversos versos que ressaltavam o ufanismo, otimismo, progresso, unidade e nacionalismo, tudo isso reunido em um tema central que era o futebol. A criação do ser brasileiro era tida como fator primordial na ditadura-civil militar, pois não existe nada que torne um ser igual ao outro, logo uma semelhança necessita ser criada para identificar o ser e o seu pertencer.

Segundo Eric Hobsbawn (2008) a identidade nacional é pretendida pelo Estado pela necessidade de criar no povo um sentimento de lealdade em relação ao Estado e ao sistema dirigente (ANDRADE, 2010, p. 08), ou seja, a propagação desse sentimento nacionalista imposto pelo governo Médici era para buscar uma similaridade brasileira e tentar unificar o país. Portanto, a canção fazia um parelho entre a grande conquista da seleção brasileira e o governo da época, o que serviu para o regime atrelar e reforçar ainda mais a sua imagem com a vitória da taça. A AERP explorou de todas as maneiras possíveis o momento de glória que, esportivamente falando, o Brasil estava vivendo. Não foram poucos os governadores, prefeitos e parlamentares que faziam de tudo para posar ao lado do troféu (SANTOS, 2017, p. 05).

Além da ampliação do drama do futebol pela TV (GUTERMAN 2004, p. 117), o fato dele ser televisionado estimulou e reforçou o caráter nacional do país em construção pelo regime. Cerca de 16 Estados brasileiros, além do Distrito Federal, receberam as imagens da Copa do mundo de 1970 diretamente do México, contribuindo assim para a manipulação do regime e a instauração da unidade nacional que a ditadura pretendia. A televisão foi utilizada de maneira sábia pelo regime militar, pois a mesma fornecia todos os jogos da copa principalmente os da seleção brasileira, algo totalmente inusitado para a época, essa tecnologia excitante trouxe uma explosão de sentimentos para os brasileiros, que pela primeira vez acompanhava a sua seleção ao vivo e em cores, não mais por via rádio. Sobre a proporção que os aparelhos de TVs tomaram no país, Marcos Guterman relata:

O total de aparelhos de TV no Brasil cresceu de forma exponencial. (...) em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas dispunham de TV; o percentual foi para 40% em 1970. A amplitude dessa proporção mostra o poder que a televisão teve, como fator de união, em meio à mobilização pelo futebol. (GUTERMAN 2004, p. 117).

As emissoras brasileiras pagaram os direitos de imagem ao Telesistema Mexicano e também efetuaram o pagamento pelo uso do satélite, estima-se que cada jogo custou cerca de 48 mil reais (GUTERMAN 2004, p. 118). O valor era alto e apenas algumas televisoras e a rede globo se apresentaram para cobrir toda a copa do México. Cada emissora tinha sua própria equipe de narradores e comentaristas, porém as mesmas levavam ao ar uma única imagem, de modo simultâneo, o que embora fosse resultado de limitação técnica, certamente facilitaria o controle sobre o que apareceria no vídeo, evitando assim possíveis “excessos” que fugissem do controle do regime militar. Mas o mais importante para o governo era a sensação de uma unidade nacional, em matéria publicada no Estado de S. Paulo: “Segundo representantes da Embratel, a transmissão da copa não trará grandes lucros à

companhia, mas o trabalho é feito para que todos os brasileiros possam assistir os jogos da seleção” (O Estado de S. Paulo, 3. Maio. 1970, p. 46).

De fato, é difícil ter a dimensão real do alcance das imagens da seleção na copa de 1970 para a população brasileira. Entretanto, pode-se imaginar que sua dimensão supere com folga o campo esportivo e atinja em cheio o campo político. A AERP explorou bastante o campo da TV com propagandas da seleção, impondo os interesses do regime. Em uma propaganda transmitida pela TV em março de 1970, que mostrava um gol do atacante Tostão, dizia-se que o futebol e a vida se equivaliam: “O sucesso de todos depende da participação de cada um” (GUTERMAN 2004, p. 119).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou contribuir trazendo reflexões acerca de como a conquista da seleção na copa de 1970 no México foi utilizada pela ditadura militar durante o governo de Emílio Garrastazu Médici, buscando mascarar todo o cenário de repressão, censura e tortura, além de ligar a imagem da conquista do tricampeonato ao governo dos militares em prol de alcançar um apoio popular para o regime, enaltecer a figura do presidente Médici, conquistar a tão sonhada unidade nacional e criar uma sensação nacionalista no peito de cada brasileiro. Após a conquista da copa a população estava em êxtase, tudo dentro da normalidade no país do futebol. No entanto, a ditadura civil - militar se apropriou desse grande momento para estampar seus jargões ufanistas na imprensa (SANTOS 2017, p. 10) ou nos carros de som que passeavam pelas ruas brasileiras em festas.

Esse trabalho também veio trazer reflexões sobre a questão do futebol ligado à política, evidenciado que os dois caminham em direções iguais e que a paixão pelo esporte, em certa maneira, pode cegar o indivíduo para todas as atrocidades que estão acontecendo ao seu redor. A utilização dos meios de comunicações são fatores determinantes de manipulação das massas sociais e de controle da mesma, principalmente quando esses meios são governados e chefiados por regimes totalitários. Segundo Eduardo Galeano (2004) “ Futebol e pátria estão sempre unidos: e com frequência os políticos e ditadores especulam com esses vínculos de identidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Iara. Algumas reflexões sobre o conceito de identidade nacional. **XIV encontro regional da Anpuh-Rio**. Memória e patrimônio - UNIRIO, 2010.

CHAGAS, Livia dos Santos. Brasil, modelo 70: futebol e política na Revista Veja em 1970. In: **Encontro nacional de História da Mídia**, nº 7, 2009. Anais. Fortaleza: ALCAR, 2009.

ESTADO, de S. Paulo, 24. Jul. 1970.

FÉLIX, Loiva Otero. História e Memória. **A problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Contexto, 2006.

FERREIRA, João Fernando. **De (pre) potência olímpica à "invenção" do país do futebol**: A política para os esportes do governo Emílio Garrastazu Médici (1969 - 1974). 218 f. Orientadora: Maria Izilda Santos de Matos. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP. 2014.

FOLHA, de S. Paulo, 22. Jun. 1970.

GUTERMAN, Marcos. Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Proj. História**, São Paulo, n. 1, v. 29, p. 267-279, dez. 2004.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol Explica o Brasil**: O caso da copa de 70. 155 f. Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de SP. Orientador: Antônio Pedro Tota. Sp, 2006.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 2004/ tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: LPM, 2021.

HABERT, N. **A década de 70**. São Paulo: Ática, 1992.

HOBSBAWN, Eric J. **Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade**. 5ª ed. São Paulo: PAZ e Terra, 2008.

MARTINS, Ricardo. **Ditadura militar e propaganda política**: a revista Manchete durante o governo Médici. São Paulo: MARTINS, 1999.

MARCZAL, Ernesto Sobocinski. Sobre a unidade em torno de um caneco: Futebol, Política e Imprensa na vitória "brasileira" na copa do mundo de 1970. **Record**: Revista de História do Esporte vol. 6, n. 2, julho-dezembro de 2013, p. 1-27. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/663/609>. Acessado em: 13 abr. 2022.

RODRIGUES, Vinícius Soares. **O futebol como instrumento político durante a ditadura**. Minas Gerais, 2021. Disponível em:

<file:///C:/Users/55689/Desktop/Artigo%20Futebol/futebol%20como%20instrumento%20pol%203%ADtico.pdf> Acesso em: 13 abr. 2022.

SANTOS, Jônatas. **PRA FRENTE BRASIL! A relação entre o futebol e a ditadura militar durante o governo Médici (1969 - 1974), e a repercussão na Bahia através do Jornal A Tarde.** 2017. 49 p. Monografia (Licenciado em Educação Física) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2017.

STÉDILE, Miguel Enrique. **Aqui sangraram pelos nossos pés: Futebol, política e identidade nacional na ditadura militar.** 244 f. Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituto de Filosofia e Ciências Humanas, programa de pós-graduação em história, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

KUSHINIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à constituição de 1988.** São Paulo: Boitempo, FAPESP, 2004

Data de submissão: 27/07/2022
Data de aprovação: 10/09/2022